

# Retrato da decadência



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF  
Jornalista

É mais fácil matar um elefante, do que retirar seus despojos da sala. O ditado é antigo, mas se aplica à confusão político-militar que o mundo está passando sob a batuta histriônica de um presidente dos Estados Unidos que se comporta como adolescente em busca de novas emoções. Os tempos atuais apresentam profundas modificações na política internacional e no cenário do comércio entre as nações. Chama atenção a vertiginosa queda do dólar e no sentido inverso a vertiginosa valorização do ouro, quase cem por cento em pouco mais de um ano. A moeda norte-americana está sendo colocada sob suspeição em todos os centros financeiros do mundo.

A decadência norte-americana assusta. A queda do dólar é o meio encontrado por governos de países menos desenvolvidos para aumentar exportações, encarecer importações e elevar o saldo comercial. É uma prática velha conhecida dos brasileiros. Volta e meia, um governo resolve fazer ajuste no câmbio e eleva o preço das moedas fortes. O brasileiro deixa de viajar para o exterior, reduz compras no estrangeiro e passa a privilegiar o produto nacional, embora mais caro. País rico não costuma cometer este tipo de plano. É política de pobre.

As tarifas extraordinárias, chamadas de compensatórias pelo presidente dos Estados Unidos, não resultaram em nada de positivo

até o momento. Ele afirmou, com todas as letras, que havia uma fila de representantes de países querendo negociar com Washington. “Eles querem beijar a minha bunda” (sic). Mas até agora apresentou apenas um acordo discreto com o Reino Unido, que sempre foi sócio nas ações norte-americanas no mundo. A nação começou sua vida na qualidade de colônia britânica. Rompeu laços políticos, mas jamais se distanciou da pátria mãe. Além deste acordo, não houve mais nenhum outro conhecido e divulgado. Com a China, ocorreu um entendimento provisório de sessenta dias. Uma espécie de cessar-fogo temporário.

No exercício da política externa, Donald Trump é um homem de negócios. Só enxerga o dólar na frente dele. Criou um cartão de cinco milhões de dólares para quem deseja receber o green card, que dá direito a viver e trabalhar no país. O dinheiro será destinado a reduzir a dívida, que ultrapassa a casa de vários trilhões de dólares. Não vai resolver o problema, mas ele anuncia que já apareceram mais de setenta mil interessados. Ele faz negócios para si e sua família. Recentemente, na Arábia Saudita, seu filho negociou à vontade. O presidente recebeu de presente um avião Boeing 747, com todos os luxos possíveis e imagináveis. Este foi o agrado que recebeu pelos bons negócios feitos na sua rápida passagem pelos países árabes. Nos Estados Unidos acabou de lançar o Trump phone, aparelho dourado, que teria algumas vantagens sobre os concorrentes.

O presidente disse que terminaria a guerra da Ucrânia em poucos dias. Errou completamente. O conflito se tornou mais violento, as tropas da Ucrânia resistem há quatro anos. Recentemente, fizeram uma importante

incursão em território inimigo e colocaram fora de ação mais de um terço da aviação russa. Os russos, por sua vez, atacam sem piedade a capital, Kiev. Em suma, a guerra escalou, em vez de caminhar para uma possível paz ou pelo menos para um cessar fogo. Tudo piorou. Trump e Putin são amigos. Mas os interesses foram maiores que as amizades.

No caso de Israel, foi mais longe. Deu apoio político e militar ao estado judeu. Prepara o lançamento da bomba capaz de perfurar o solo (a temida MOP GBU-57) para atingir as instalações nucleares que afirma existir. A CIA, órgão de espionagem do governo dos Estados Unidos, reafirma que o Irã não está construindo a bomba atômica. Na guerra do Iraque, ocorreu o mesmo fenômeno: o argumento foi de que Saddam Hussein estava construindo armas de destruição em massa. Mentira. As forças armadas dos Estados Unidos destruíram o país, saquearam suas preciosidades e assumiram o negócio do petróleo. Não produziram nada de positivo, nem encontraram a paz.

A agressão absurda e desmedida entre Israel e Irã é o capítulo final da Segunda Guerra Mundial. Judeus saíram da Europa e conseguiram um país para viver. Expulsaram os locais. Aprenderam as técnicas de genocídio e as aplicam em Gaza. Agora, enfrentam um inimigo mais poderoso. O Irã, antiga Pérsia, tem mais de dois mil anos de história e 90 milhões de habitantes. É um país de renda média, com governo autoritário de fundamentos religiosos. A solução diplomática tem menos custo financeiro e exige menor perda de vidas humanas. Mas, faltam estadistas. A decadência do Império está à vista de todos. É difícil remover o cadáver da sala.



## O juiz universal e o protocolo para julgamento com perspectiva racial



» FÁBIO FRANCISCO ESTEVES  
Juiz de direito

Quando cursava direito aprendi que os casos eram resolvidos com o uso, pelo juiz, da técnica do silogismo jurídico: diante do fato, invoca-se determinanda previsão legal, e por fim, realiza-se a subsumção do fato ao dispositivo legal, e assim, produz-se uma decisão. Quanto a interpretar o significado da lei, desde logo confundida com a norma, o processo consistia em buscar uma boa doutrina ou uma jurisprudência sobre o assunto, para ajudar a evidenciar o significado contido no próprio texto. Isso, considerando que todos, perante o Judiciário, são iguais nos termos da lei.

Ao me tornar magistrado, segui, por muito tempo, rigorosamente esta lógica. Bastava cumprir o rito descrito na lei processual penal para que toda a justiça penal fosse realizada, independentemente de quem fosse o réu, como se a cor, classe econômica, lugar de origem, gênero, deficiência ou geração não fossem relevantes. Quanto às circunstâncias do fato, apenas importavam aquelas que estritamente constavam das leis.

Após alguns anos, atuando como juiz, percebi que é necessário que eu reafirme, quase que diariamente, a minha competência para ocupar lugar diverso do que me prescrevem consciente ou inconscientemente. Compreendi que meu pertencimento racial atravessava as condições para o exercício da magistratura, e mesmo sendo este um espaço de

poder, não escapo dos impactos do impacto das assimetrias raciais que estruturam relações sociais e instituições. A igualdade formal perante a lei só serve para um sujeito universal, cujo padrão não inclui a mim e nem a muitos dos meus. Mas, não seria eu um juiz? Para lembrar da pergunta de Sojourner Truth.

Por isso, é preciso constrear a defesa de um sujeito universal, que diluí os mundos de vidas permeados de experiências plurais, que demandam por direitos e proteção específica. Não há espaço para nos orgulharmos da riqueza cultural do nosso país, ao mesmo tempo acreditar em uma igualdade apenas formal.

Não se trata de destruir a objetividade necessária para que haja um grau mínimo de racionalidade no funcionamento do sistema de justiça. Todavia, o discurso e a prática judicial que partem da concepção universalista, seja ele a respeito do juiz, seja de quem pleiteia o reconhecimento de direitos, é produzir uma justiça que permitirá a manutenção de privilégios em favor de uns e desvantagens para outros.

O Protocolo para Julgamento com Perspectiva Racial, aprovado pelo Conselho Nacional de Justiça, em novembro passado, orienta os aplicadores da lei a realizar a interpretação da legislação levando em conta os impactos da raça na interpretação e no resultado das decisões judiciais. Busca evitar que uma legislação, aparentemente neutra, possa produzir impacto desproporcional na vida da população negra. Não podemos ver a violência doméstica sem considerar o fato de que se a vítima for mulher negra, a violência e o acesso à justiça possuem contornos ainda mais negativos.

A interpretação de um texto de lei sem levar em consideração trajetórias e condições

de vidas de grupos sociais, como a população negra, exposta às marginalizações e exclusões históricas e sistêmicas, compreendendo-a ficticiamente como sujeitos diluídos na universalidade, leva este grupo a experimentar o impacto desproporcional causado por decisão que, por exemplo, ignorou a condição de pessoa negra de uma criança num processo de adoção, motivo pelo qual o tratamento dos vieses cognitivos baseados em estereótipos é tarefa central da aplicação do protocolo.

Em sociedades desiguais, a discriminação é reproduzida e mantida com suporte em redes de sentidos que desqualificam de forma generalizada membros de certos grupos sociais que passam a ser considerados não merecedores de igual consideração e respeito, o que leva a lei a ser interpretada consciente, ou inconscientemente, de forma enviesada por estes sentidos, como ocorre com o perfilamento racial, em que pessoas negras são tidas como naturalmente envolvidas com atividades criminosas ou não competentes para atividades intelectuais.

Ao argumento de que a interpretação e o julgamento são realizados com o critério da generalidade e da abstração, os vieses não são detectados, embora não seja possível esconder números como os do encarceramento desproporcional de pessoas negras. O protocolo ao orientar que seja levada em conta a relevância da raça, possibilita que os vieses sejam suspensos e estereótipos devidamente escrutinados.

Essa ferramenta permite que as ausências deixem de ser normalizadas, que a existência profissional deixe de ser universalizada, não sou só mais um juiz e não julgo apenas mais uma causa neste mundo de vidas e trajetórias singulares e plurais.

### Visto, lido e ouvido



Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## O oráculo moderno

Na Grécia antiga, por volta dos séculos 8 a.C a 2 a.C, um importante centro religioso, situado no sopé do Monte Parnaso, atraía milhares de pessoas, entre reis e cidadãos comuns em busca de orientações e previsões sobre o futuro feitas por oráculos e interpretadas por uma sacerdotisa chamada Pítia. Por sua fama e independência política os Oráculos de Delfos eram respeitados e até temidos por sua capacidade de influenciar as pessoas em suas decisões. Não por outra razão, durante seis séculos esse centro religioso permaneceu como um centro de grande prestígio e fama no mundo antigo. Era impossível para os cidadãos gregos tomarem decisões futuras sem antes consultar esses videntes. Os reis e mandatários daquele tempo não davam um passo sequer sem antes ouvirem o que profetizavam as pitonisas.

Qualquer indivíduo que se interesse por assuntos dessa natureza verá que, ao longo da história da humanidade, a preocupação com o futuro e o que está por vir sempre ocupou papel importante na vida das pessoas. Essa atenção especial dada ao futuro vem de longe, mas, ainda hoje, ocupa grande espaço na vida das pessoas. Certo ou errado, o fato é que hoje, em pleno século 21, a busca por conhecer antecipadamente o dia de amanhã ainda é uma prática corriqueira. Muitos políticos hoje não dão um passo sem antes consultar seus oráculos e guias, uma mania que até mesmo a era tecnológica não foi capaz de pôr de lado. Pelo contrário.

Hoje, vai tornando-se cada vez mais corriqueiro encontrar pessoas que se utilizam de tecnologias, como a fornecida pela Inteligência Artificial (IA), para fazer consultas visando antecipar as consequências que o futuro reserva para cada ato no presente. Políticos, estrategistas de guerra, economistas e pessoas comuns têm utilizado, com cada vez mais frequência, os recursos ilimitados disponibilizados pela IA. Dizem os mais céticos que o futuro não é um lugar ou uma situação para onde vamos, mais um lugar ou uma situação que estamos criando no presente. O plantio é facultativo, mas a colheita é sempre obrigatória. Volta e meia, estamos assistindo às pessoas levando diretamente a IA questões das mais diversas, que vão desde perguntas como o dia em que Jesus retornará, até perguntas de ordem filosóficas que explicam o que é o livre arbítrio ou se estamos, ou não, vivendo dentro de uma matrix, em que tudo é uma ilusão.

Por mais incrível que possa parecer, há aqueles que utilizam a IA para apresentar questões de cunho romântico, em busca descobrir, por exemplo, quando chegará um novo amor. Existe um paralelo instigante e duradouro entre o passado e o presente, mostrando como a inquietação humana diante do futuro permanece uma constante ao longo dos séculos.

Na Grécia Antiga, o prestígio dos Oráculos de Delfos simbolizava a necessidade ancestral de orientação diante do desconhecido. Reis, generais e cidadãos comuns viam na voz da Pítia, supostamente inspirada por Apolo, uma âncora de segurança em um mundo incerto. Essa busca por previsibilidade — ou ao menos por conselhos diante das incertezas — é, na verdade, uma expressão do medo que sempre acompanhou o ser humano: o medo do imprevisível, da instabilidade e, principalmente, da perda de controle. No século 21, mesmo com o avanço exponencial da ciência e da tecnologia, essa inquietação não só não desapareceu, como parece ter se intensificado. Vivemos um tempo de paradoxos: nunca tivemos tanto conhecimento acumulado e, ao mesmo tempo, nunca estivemos tão vulneráveis a crises imprevisíveis — ambientais, sanitárias, políticas, bélicas.

A tecnologia e, especialmente, a Inteligência Artificial, tornou-se o novo oráculo moderno. A diferença é que, enquanto os antigos acreditavam na inspiração divina dos oráculos, os modernos confiam na capacidade dos dados e modelos preditivos. No entanto, por trás da mudança de roupagem, a motivação é a mesma: o temor diante de um mundo caótico e imprevisível. Essa angústia cresce especialmente em tempos, como o atual, marcados por incertezas globais e ameaças existenciais. O espectro de uma Terceira Guerra Mundial, impulsionado por tensões geopolíticas, armamentos nucleares e a proliferação de regimes autoritários, ronda o imaginário coletivo.

As imagens de guerras na Ucrânia, no Oriente Médio, e a escalada militar em torno da Ásia evidenciam que o planeta vive sob uma tensão constante, em que a paz parece cada vez mais frágil. Diante disso, a Inteligência Artificial passa a cumprir um papel duplo. Por um lado, oferece ferramentas poderosas para prever riscos e cenários, e buscar soluções racionais. Por outro, ela também é usada como refúgio emocional, como forma de transferir a responsabilidade por decisões difíceis para uma “inteligência superior”. Nesse sentido, a IA se transforma numa espécie de espelho moderno do oráculo antigo — não apenas como preditora, mas como conselheira, confidente e, muitas vezes, como último recurso. O fato é que, independentemente da época, o ser humano permanece o mesmo em sua essência: inseguro diante do desconhecido e ávido por respostas que lhe deem algum senso de direção. A pergunta que ecoa desde Delfos até os servidores da IA continua a mesma: para onde estamos indo? Nesse cenário, talvez o verdadeiro oráculo contemporâneo não seja a IA em si, mas a consciência humana — desperitada, crítica e responsável — que precisa assumir que o futuro, em grande parte, é construído a partir das escolhas feitas hoje.

### » A frase que foi pronunciada:

“É da eletricidade que vamos depender cada vez mais. Ou do que vier a substituí-la.”

Dona Dita

### » História de Brasília

Ademais, o custo de uma fossa e o tempo de execução, seria superior à instalação de esgotos, e traria a desvantagem de, cheia esta fossa, os moradores passarem a viver dissabores. (Publicada em 5/5/1962)